

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O PODER DA PALAVRA NÃO-VERBAL: O EFEITO DA COR PRETA NAS HISTÓRIAS INFANTIS

Giovanna S.Z. ARAÚJO (PG – UNISUL)

**ABSTRACT:** *the word, a lot of times, doesn't need to be said or writing, it can be inferred in no-verbal statements, as for instance: the colors. The black color, depending on the individuals' social and cultural context, it can raise values linked to ethnic prejudices when it is imposed for who stops the power and the social prestige.*

**KEYWORD:** *word; black; color; prejudice.*

0. Introdução As profundas transformações ocorridas no mundo afetaram de forma significativa a educação brasileira, que vem sofrendo diversas mudanças nestes últimos 50 anos. A preocupação vai desde as esferas governamentais, quanto as escolares. O professor, enquanto mediador, acarreta pra si a responsabilidade de ensinar e educar. O aluno do Ensino Fundamental chega à escola com alguns conhecimentos, conceitos e preconceitos prontos. A criança da Educação Infantil também traz consigo seus valores culturais e sociais ao chegar na escola, mas nem todos estão fundamentados em pressupostos teórico-filosóficos e outros ela até os desconhece. O educador deve ficar atento para aproveitar todo este conhecimento prévio internalizado pelas crianças, e atentar não só às palavras por elas proferidas, mas também a elementos não-verbais, tais como as manifestações culturais (crenças, costumes, habilidade artística) composturas e atitudes (com os amigos, professores), de um modo geral. Dentre os elementos verbais e não-verbais da comunicação, o uso adequado de palavras e expressões tem um poder fundamental, visto que é uma das formas mais usadas para se efetivar a comunicação entre as pessoas. Daí, nosso foco para o estudo do uso de expressões em que a *cor preta* tenha conotação preconceituosa, por crianças da Educação Infantil.

Há educadores, autores consagrados na literatura infantil que acabam por passar seus próprios valores (em sala de aula e nos livros) e por isso a tênue linha entre o 'socialmente aceitável' e o 'socialmente não-aceitável' acabam, por vezes, sendo rompida, dificultando ao ouvinte a formação da sua própria opinião, após a sua exposição a uma leitura, por exemplo. Sendo a literatura infantil um dos meios mais usados para ensinar, divertir e entreter neste segmento educacional, o tipo de obra que o educador irá selecionar tem que ter critérios para que o livro seja uma ferramenta para aprimorar as metodologias e não um formador de ideais parciais.

Tomamos, neste artigo, como objeto de análise o livro paradidático infantil "A cor", de Ângela Leite de Souza (1982), onde a autora se utiliza das cores no emprego de expressões, tais como: "*vermelho de vergonha*", "*vida cor-de-rosa*", tudo "*azul*", dar um "*branco*", "*roxo de raiva*" ou "*a situação está preta*", para tentarmos responder ao seguinte questionamento: se, para as crianças que não assimilaram a maioria dos conceitos socialmente pré-construídos, a cor pode tornar-se mais um apoio não só para facilitar a linguagem, como também para incutir preconceitos associados a ideologias?

Como a cor *preta* é apresentada em nossa literatura infantil por roupas de bruxa, escuridão assombrada, castelos tenebrosos e expressões negativas, não é de se admirar que preconceitos culturais em relação aos povos de raça negra sejam tão presentes em nossos dias, mesmo com todas as campanhas de igualdade estarem por toda parte. Pesquisar a história das simbologias das cores é a primeira etapa para compreender de onde surgiram os valores representativos, designativos e culturais delas e a influência sobre o homem.

As ilustrações do livro infantil dão um significado importante nas interpretações infantis e os estereótipos que podem surgir após a leitura formarão idéias distorcidas se o professor não fizer uma mediação reflexiva sobre as figuras que são apresentadas. O objetivo desta comunicação científica é de atentar para os cuidados que os professores devem ter ao oferecer livros onde a imagem (o não-verbal) tenha significados que possam suscitar preconceitos étnicos, morais e culturais. Segundo Saraiva (2001:75), "em primeiro lugar, é necessário que o professor esteja munido de conhecimentos teóricos sobre a importância e a função da literatura infantil na formação da criança".

Aprender a refletir é peça-chave destes novos tempos onde a educação desempenha função essencial aos indivíduos. Uma reflexão não apenas na linha do pensamento, mas também na função que a linguagem executa na vida humana.

1. Perspectiva Teórica Segundo Pedrosa (1982), Guimarães (2000) e Saraiva (2001), a literatura sobre as cores e suas relações sociais, a partir de sua natureza, ação psíquica, simbólica e mística, envolvendo seu emprego nas artes e no cotidiano humano.

É certo que as cores sempre fascinaram o homem e este lhes apregoou significados de acordo com o contexto cultural em que estava inserido. Na Antigüidade, a simbologia das cores estava muito ligada ao seu valor representativo sob uma forma mais concreta: azul-céu, vermelho-sangue, amarelo-Sol, etc... Algumas destas representações se perpetuaram até os dias atuais, mas outras foram elevadas a um nível abstrato à medida que o homem evoluía. Pedrosa relata:

Historicamente, muitos dos significados das cores guardam o sentido original, enriquecidos com a evolução espiritual dos povos. A cada nova sociedade, os símbolos tornam-se mais requintados e abstratos, acompanhando de perto o vôo da fantasia e das aspirações humanas. (1982:99)

Estas simbologias, de significados coletivos, surgiram frente à necessidade que os povos tinham em efetuar uma comunicação mais universal. Algumas cores, porém, apresentam, ainda hoje, significados diferentes em algumas regiões, como, por exemplo, o luto ser representado pela cor branca nos países nipônicos e pelo preto nos outros países (ocidentais). Para Pedrosa (1982:99), em todas as épocas:

As sociedades organizadas sempre tiveram seus códigos completos, ou certos elementos de uma simbologia das cores atribuindo-lhes freqüentemente caráter mágico. A variedade de significados de cada cor, ao longo dos tempos, está intimamente ligada ao nível de desenvolvimento social e cultural das sociedades que os criam.

A cor *preta*, numa visão psicológica, simbolizada pelo luto, representa a perda, a dor infinita, a angústia profunda. Neste sentido, o autor retoma Adão e Eva, numa interpretação do Zoroastrismo:

Adão e Eva se cobrem de preto ao serem expulsos do Paraíso, numa representação do mal sem remédio. Evocando o caos, o nada, o céu noturno, as trevas terrestres, o mal, a angústia, a tristeza, o inconsciente e a morte, o preto é o símbolo maior da frustração e da impossibilidade. No Egito, uma pomba negra era o hieróglifo da mulher que sofre a viuvez até o fim dos seus dias. Na antiga Grécia, a vela negra içada ao mastro dos navios, revelando a tragédia, simbolizava a fatalidade.

Estando historicamente vinculada à morte, a cor *preta* associou-se à tristeza, e a elementos ruins que levavam a este estado de espírito. Expressões como: “*Lúcifer, Príncipe das Trevas, A Peste Negra, Idade das Trevas*” intensificaram a representação da cor como algo ruim. A literatura, os filmes, os jogos e as canções infantis (as bruxas dos livros; *Darth Vader* de Guerra nas Estrelas; o lado negro de Alice no videogame *American McGee’s Alice*; o Boi-da-Cara-Preta) trouxeram para sua realidade esta constatação histórica, através de enredos cujos personagens malignos têm cabelos, olhos, roupas, *habitats* pretos e, conseqüentemente, comportamentos maus.

Mas o preto, numa visão maniqueísta, também representou um lado bom na vida humana: fertilidade, humildade, realeza, renúncia à vaidade deste mundo, originando os mantos negros no Cristianismo, a riqueza proporcionada pelo café e, por isso, a denominação “Ouro Negro”. Mesmo assim, a associação do preto a conceitos negativos é a mais usada.

1.1. A palavra e o poder. A palavra tem seu poder desde os primórdios da linguagem, quando os gestos e as atitudes substituíam a fala e mesmo assim era realizada a comunicação entre os homens primitivos. A partir daí, a palavra passou (e passa) por constantes transformações, mas sempre detentora do poder: ela condena e absolve, afaga e castiga, ama e odeia. E é esta dualidade da linguagem humana que nos torna superior às outras espécies, pois o homem pensa e fala e assim pode decidir suas próprias opções, mas ao mesmo tempo quer decidir sobre as opiniões, sobre a vida dos outros seres da espécie dele ou não. Neste momento, aquele que se comunica melhor, que convence, que sabe fazer uso da palavra alcança o poder, como o de persuasão, de admiração e de alienação. “Ao enunciar uma frase numa dada situação de comunicação, o falante executa um certo tipo de ato social”. Austin, *apud* Martin (2003:132). Este “ato social” acontece diariamente em

nossas vidas e somos responsáveis por ele. Na infância a escola representa o lugar onde acontece este ato social, tão importante quanto o da família.

Os enunciados não-verbais alcançam um poder comunicativo muito grande, quando substituem essa Língua dinâmica, através de ícones, símbolos e signos. Saraiva (2001:85) evidencia que:

A ilustração das produções selecionadas não tem função meramente decorativa, pois, ao integrar-se à textualidade, apresentam elementos que agregam novas informações aos enunciados de natureza verbal. Os aspectos icônico e gráfico dos textos, que abrangem a dimensão e o tipo de letras, investem na capacidade que os signos visualmente instituídos têm de mobilizar a percepção do leitor, para que estes construam significações.

Neste momento, o alfabetizado dá lugar ao letrado. A leitura é feita sem letras ou palavras alcançando um maior número de pessoas. O que se vê é tido como verdade, como real, formando ou destruindo princípios. A ilustração para Saraiva (2001:76):

Desempenha um papel importante no livro infantil e é um dos seus traços caracterizadores. Assim sendo, é preciso que o professor, em sua análise, se detenha em tal aspecto. A ilustração estimula o raciocínio e a criatividade do leitor, por isso os desenhos devem sugerir mais do que já está expresso no enunciado verbal, evitando a mera descrição gráfica do texto.

O educador tem papel, na Educação Infantil, de formador de opiniões, mesmo, muitas vezes, sem se dar conta disso. Ao utilizar a literatura infantil para ensinar, passar valores, educar, o professor deve selecionar obras, analisar até que ponto a faixa etária trabalhada está pronta para determinado livro, que tipos de valores e sentimentos a história pode suscitar e como os elementos verbais e não-verbais influenciarão no comportamento das crianças no processo de formação da personalidade. Vygotsky (1979:72) ressalta que: “durante um longo período de tempo, a palavra é para a criança, uma propriedade mais do que um símbolo ou objeto”.

2. Análise e discussão da proposta: os sentimentos são coloridos? Destaca-se neste artigo a importância que a cor desempenha nas obras infantis para ressaltar os sentimentos, as atitudes, os personagens e qual a influência que ela pode despertar no pensamento das crianças. Nos contos de fadas recontados através de livros ricamente desenhados e coloridos, com a intenção de prender a atenção, a cor *preta* tem significado negativo, feio, de velhice, errado, representa o mal. A bruxa e seres maléficos estão sempre de preto, vivem na escuridão, enquanto as princesas e fadas têm pele alva, cabelos loiros, roupas de cores claras e alegres, representando o bem, a virtude, a honestidade a esperança da felicidade eterna. Para Saraiva (2001:78), “Mais grave é o caso de textos que pretendem transmitir ensinamentos morais ou padrões de comportamento, em geral, conservadores”.

Como a criança interpreta estas informações? Como ela faz comparações dos contos com a sua vida? Como o professor medeia as histórias e o pensamento infantil? A responsabilidade de influenciar no desenvolvimento do pensamento infantil é do autor dos livros ou do professor que traz as obras pra dentro da sala de aula? Para Bettelheim (1980:12), na formação da criança, o mais importante é ajuda-la encontrar significados:

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.

O livro paradigmático “A cor”, de Ângela Leite de Souza (1996), compara as cores aos sentimentos ao utilizarse da cultura folclórica e do senso comum ao substituir palavras escritas por páginas coloridas fazendo com que o leitor interaja e enxergue a cor não como tonalidade e sim como expressão metafórica dos sentimentos humanos. Estar feliz é o mesmo que ver um “passarinho *verde* voando livremente”, passar por um constrangimento é o mesmo que ficar “*vermelho* de vergonha”, algo dar errado é o mesmo que achar que a “situação está *preta*”. Neste paradigmático, apenas ao preto coube conotações tão desagradáveis. Mas o que pode passar despercebido para o leitor que já possui estas expressões como

conhecidas, é que para alguém que nunca ouviu isto, a comparação da cor *preta* com elementos negativos poderá formar pensamentos ligados a preconceitos étnicos. Ao associar cores a sentimentos estaremos ensinando ou impondo nossas próprias verdades?

Na literatura lingüística, podemos encontrar em Martin (2003:120) a seguinte evidência: “A língua confere ao enunciado – a qualquer enunciado (é um universal da linguagem) – um *status* veridicional. Impossível produzir qualquer enunciado, em qualquer língua, sem tomar posição sobre sua verdade”. Frente a essa constatação, o professor deve omitir uma leitura que ele não considere adequada a seus alunos? O professor que nega ou impõe uma leitura de acordo com seus próprios princípios, passa a cometer um erro maior do que aquele que tem dúvida do que oferecer a seus alunos? São questões que nos passam à mente, na hora de trabalharmos o material didático correlacionados a contextos reais de uso da linguagem.

3. Sob a perspectiva da filosofia da linguagem: De fato, no mundo contemporâneo, as crianças são bombardeadas com informações que privilegiam os aspectos visuais, desafiando-as a fazerem leituras de linguagens imagéticas. A televisão e o computador substituem os livros numa rapidez assustadora e incontrolável e a escola acaba por dobrar suas responsabilidades, aliando-se a ela, e, ao mesmo tempo, combatendo esta gama de linguagens. Citelli (2001:110) ressalta que “numa sociedade informatizada e tecnológica, a escola não pode ficar alheia à interação com outras linguagens, devendo fazer circular novos códigos e buscando ampliar abordagens envolvidas com o mundo imagético”.

Entra aqui o papel do educador de filósofo da linguagem, que, ao fazer uso do não-verbal (que desempenha uma função específica para os leitores não alfabetizados, fazendo-os ler as imagens sem necessitar do enunciado verbal), deverá atentar para que tipo de conceito está se formando na cabeça dos pequenos. O professor deverá refletir sobre a versatilidade da própria linguagem, o que ela transmite, de que forma ela pode e deve ser usada, quais as verdades que quer produzir. E essa reflexão poderá ser feita em conjunto com os alunos, sem lhes negar qualquer tipo de obra, mas ressaltando-lhes o que cada uma quer transmitir, seja a mensagem verdadeira ou não. Deve-se analisar o que há por trás de princípios já existentes e outros recém-surgidos, fazendo comparações entre culturas e épocas diferentes, e refletindo sobre conceitos e preconceitos, porque e para que existem. Martin (2003: 130), considera que “tudo leva a pensar que a própria atividade lingüística supõe, ao lado dos significados, a produção de conceitos”. E, principalmente, que a literatura deve ser encarada como aliada dessa reflexão, para que a criança possa aprender a desenvolver o senso crítico e escolha suas leituras e não se deixe influenciar negativamente por elas.

Nesta perspectiva, Bettelheim (1980:27) aborda que “as interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil”.

Esta tarefa (a de preservar na criança o sentimento de que pode ver uma história à sua maneira) dos educadores não é fácil, visto que a educação, de um modo geral, sofre alterações constantes, mas também não é impossível, basta que fiquem atentos aos anseios de seus alunos e que as pesquisas e atualizações sejam constantes em sua trajetória educacional.

4. Conclusão Compreender como e quando os enunciados não-verbais dos livros infantis podem inferir no desenvolvimento psíquico e moral das crianças deve ser uma preocupação constante do educador, que tem que estar atento ao valor que as imagens e as cores carregam historicamente e como estão aplicadas no contexto infantil e escolar.

No livro “A cor”, a expressão: “a situação está *preta*” remete o leitor a uma constatação que momentos difíceis ou ruins na vida dos seres estão vinculados a cor *preta* e quando este leitor não formou suas convicções morais e éticas, a força desta afirmação poderá influenciar em preconceitos ligados a etnias, provocando no educando aversão e constrangimentos.

Abaixo, o fragmento de “A cor” de Souza (1982:7), em que nos remete a cor *preta* a situações negativistas:

Pode acontecer também que uma pessoa pergunte:

-Tudo ...? (Aparece a página pintada de azul)

E que você tenha que responder:

-Não. A situação está ... (Aparece a página seguinte pintada de PRETO).

Saber lidar com a leitura implica saber lidar com a existência de ideologias por trás das palavras, imagens e cores, ou seja, dos elementos verbais e também dos não-verbais. O professor deve ser um pesquisador incessante, deve aprimorar as diversas leituras que se impõem diariamente a todos e saber lidar com as diversidades culturais, étnicas e morais que estão presentes no cotidiano escolar. Em “A cor”, deve estar bem preparado para trabalhar a história numa perspectiva multiétnica e, especificamente, multiétnica.

RESUMO: a comunicação, muitas vezes, não precisa ser verbalizada ou escrita, pode ser inferida em enunciados não-verbais, como por exemplo: as cores. A *cor preta*, dependendo do contexto social e cultural dos indivíduos, poderá suscitar valores vinculados a preconceitos étnicos quando é imposta por quem detém o poder e prestígio social.

PALAVRAS-CHAVE: palavra; cor; preta; preconceito.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e tv, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000.
- MARTIN, Robert. *Para entender lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- PEDROSA, Israel. *Da cor a cor inexistente*. Rio de Janeiro, Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- SARAIVA, Juracy A. *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano de ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SOUZA, Ângela Leite. *A cor*. Curitiba: Arco-íris, 1982.
- TEBEROSKY, Ana. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.